O Discurso Radiofônico sobre a Invasão da Vila Cruzeiro, no Rio de Janeiro[1]

Ana BAUMWORCEL[2]
Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ

Resumo

Ao analisar o que foi dito, na emissora *BandNews*, sobre a invasão da Vila Cruzeiro, na Penha, Zona Norte do Rio de Janeiro, em 2010, este artigo evidencia como discursos contraditórios coexistem e dialogam no rádio, instância da esfera pública na qual problemas e soluções podem ser partilhados a partir de diferentes pontos de vista. A análise se inspira em Hall (2009) e busca cartografar "mapas de leituras preferenciais" ao "desconstruir" a mensagem sonora do programa do jornalista Ricardo Boechat e seus "códigos naturalizados". Apesar de o apresentador deter o "poder" do microfone, outros sentidos, além da ordem cultural dominante, foram decodificados. Este texto faz parte da tese de Doutorado "Polifonia juvenil: reflexões sobre mídia sonora e educação".

Palavras-chave: mídia sonora; discurso radiofônico; Vila Cruzeiro; ordem cultural dominante; decodificação de sentidos.

Este artigo analisa um trecho do programa do jornalista Ricardo Boechat veiculado na Rádio *BandNews*, em 26 de novembro de 2010, e escolhido como um dos materiais sonoros a ser escutado e debatido por jovens universitários que integraram o universo da pesquisa de campo da tese "Polifonia juvenil: reflexões sobre mídia sonora e educação". A opção foi feita depois de entrevistas que identificaram as tendências de uso da mídia sonora por parte de estudantes selecionados a partir de diferentes variáveis, como classe social, local de moradia, gênero, religião e capital cultural. Só depois da revelação das emissoras, dos programas e músicas preferenciais foi possível escolher um material sonoro que tivesse sentido para esses jovens e contribuísse para a aferição de dados para a pesquisa empírica. Um material que, ao ser debatido, trouxesse vestígios sobre quem são esses jovens, o que pensam sobre o mundo, que "leituras" fazem do que ouvem e como se educam pela mídia sonora.

A primeira estudante a ser entrevistada, em outubro de 2010, foi Ana Maria, do curso de Pedagogia. Um mês depois, no dia 25 de novembro de 2010, a Vila Cruzeiro, onde a jovem mora, foi invadida por forças de segurança pública em busca de traficantes de drogas. O noticiário em todos os meios de comunicação sobre a violência da invasão nessa comunidade se misturou à memória das informações, dadas pela universitária, como as de

[1] Trabalho apresentado no GP Rádio e Mídias Sonoras, XIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Manaus, 2013.
[2] Professora Doutora da área de Rádio da Universidade Federal Fluminense (UFF). Email: anabaumw@yahoo.com.br.

que os traficantes costumavam tentar "mandar recados" para os moradores pela rádio comunitária e as da situação social de exclusão dos moradores. Foi possível perceber como o mundo de Ana Maria, descrito na entrevista, "transbordava" para toda a cidade, para o país, a partir da divulgação, na mídia, da invasão da Vila Cruzeiro, na Penha, Zona Norte do Rio de Janeiro. Durante vários dias não se falava em outra coisa e o fato teve repercussão internacional. O jornal *O Globo* de 26/11/2010 chegou a comparar o episódio à vitória dos aliados na Segunda Guerra Mundial, com a manchete: "O dia D na guerra do Rio contra o tráfico de drogas".

Como esse fato repercutiu entre os estudantes? Como o rádio configurou o jovem, enquanto o "outro", excluído, e como se dá a experiência dessa escuta entre os diferentes universitários? Indagações que estimularam a escolha do programa de Ricardo Boechat, da *BandNews*, sobre o assunto. Além disso, essa é uma das emissoras ouvida por parte desses estudantes da UFF. O programa radiofônico traz um conteúdo local, uma "guerra" numa comunidade carente do Rio de Janeiro, e a questão da alteridade, a partir do outro - jovem traficante. Para avaliar como os universitários se apropriaram desse conteúdo foram criados grupos de escuta e de debate. O material sonoro foi gravado em CD e reproduzido na dinâmica dos grupos para a audição dos alunos.

O Programa de Ricardo Boechat

Este artigo apresenta uma análise do material sonoro utilizado e não as "leituras" que os estudantes fizeram da mensagem midiática, nos grupos de escuta e debate. O programa do jornalista Ricardo Boechat, na *Rádio BandNews*, em 26/11/2010, dia seguinte à ocupação da Vila Cruzeiro, se insere no contexto de violência e tensão de uma "guerra" entre traficantes e as forças de segurança. A imagem veiculada pela televisão de suspeitos correndo na serra da Misericórdia, por uma estrada de terra entre os morros da Vila Cruzeiro e do Alemão, foi surpreendente por desvelar a quantidade de jovens, possivelmente envolvidos nesse processo.

Impressionado com essa imagem, Boechat questiona sobre o que levaria tantos jovens a aderir ao tráfico de drogas. Este é o tema principal do programa na primeira hora de duração, no qual o apresentador fala sozinho na maior parte do tempo. O jornalista Iury Tavares entra, apenas uma vez, ao vivo, com reportagem do local do acontecimento. Além

disso, um morador da Vila Cruzeiro é entrevistado por Boechat, pelo telefone, e relata o sofrimento pelo qual está passando naquele momento.

Trechos de relatos de mais dois moradores são apresentados pelo jornalista Mario Dias Ferreira: um, da Vila Cruzeiro e outro, da Rocinha. Há inserção de informação sobre trânsito, de anúncios publicitários e rápida conversa de Boechat com a repórter Isabele Resende que diz morar na região e o explica que a área da Grota fica em Ramos, pois o apresentador explicita que não conhece o local.

O programa segue um estilo popular, verborrágico, opinativo, no qual o destaque principal é o ponto de vista de Boechat. Traz pouca informação nova. Segundo o jornalista Iury Tavares a ideia é disseminar a informação e não se preocupar em descobrir a notícia, em cobrir o fato em si, em termos jornalísticos[3]. Curioso como o programa líder de audiência da emissora não segue o slogan: *BandNews, só notícia e só FM.*

O apresentador chega a pedir desculpas, nesse programa, para as autoridades por não ouvi-las e diz que prefere ouvir "as pessoas comuns", o trabalhador que mora na Vila Cruzeiro, ao governador. "Eles apuram, a gente reproduz aqui os trechos melhores e discute", afirma Boechat, ao vivo, sem esclarecer quem são eles. Em termos implícitos, talvez, esteja se referindo às entrevistas que copia e edita de outros horários da própria *BandNews*, de assessorias de comunicação ou de outras emissoras. No programa do dia 26/11/2010 não há entrevista de autoridades, só do morador da Vila Cruzeiro.

O discurso de Boechat, de valorização da participação e dos relatos de ouvintes, busca identificação e aproximação com a audiência. O objetivo é criar empatia. Sua estratégia de comunicação é fazer as pautas a partir das denúncias que recebe dos que ligam para a emissora para fazer reclamações sobre diversos assuntos, ou enviam torpedos, *Twitter* ou *e-mail*. Ele dá o número do telefone e diz: "Eu quero é ouvir você, liga pra cá, não precisa se identificar, mande sua denúncia, relato, desabafo, para você ser ouvido". Todas as emissoras estimulam a participação da audiência, mas, normalmente, são os locutores que costumam ler as mensagens recebidas. Ou seja, a participação do ouvinte se realiza pela voz do apresentador que controla o microfone. Poucas rádios, geralmente as mais populares, colocam o ouvinte falando no programa, ao vivo. Os locutores dessas emissoras, também mantêm o controle da emissão, pois podem fechar o microfone ao ouvinte. No entanto, a opinião do receptor dita por ele próprio traz mais emoção para o discurso, valoriza sua expressão e possibilita a criação de um diálogo real.

[3] O jornalista Iury Tavares participou de debate com alunos do Departamento de Comunicação da UFF, no dia 25/04/2011 e comentou seu trabalho, na época, na Rádio *BandNews*.

Boechat, ao escutar e trazer a voz do ouvinte, ao vivo, se desloca de um lugar de fala ocupado pela maioria dos programas informativos radiofônicos que prioriza as vozes e as informações oficiais e, dessa forma, se torna um diferencial. Coloca-se numa posição, ao mesmo tempo, de "ouvidor" público e de "padre" que, ao criar um clima de cumplicidade, recebe a confissão dos dramas alheios.

No entanto, o apresentador "espetaculariza" o problema a partir do bate papo, usando uma linguagem sensacionalista. Utiliza sua voz em tom dramático para passar valores e idéias. Faz uma "pregação" para persuadir a audiência. Segundo Canevacci (1990, p.17) *apud* Vidal Nunes (2000, p.84), a voz fora do campo (visual) exerce a função objetivadora de uma verdade "externa" e indiscutível, uma espécie de supereu sonoro, depurado de toda a imagem visível e, portanto com forte índice de autoridade e sacralidade.

E Boechat faz um discurso quase teatral com pausas que aumentam o efeito emocional. Seu estilo "quebra pau" semelhante ao de comunicadores midiáticos populares, como Cidinha Campos, entre outros, agrada a audiência, na opinião do jornalista Iury Tavares: "Principalmente os taxistas que ligam muito para a emissora nesse horário".

Esse estilo utilizado por Boechat contribui para a classificação de seu programa como sendo de catarse social. E, provavelmente, os ouvintes se sentem, realmente, defendidos ao escutarem suas reclamações reverberadas no ar. É, sem dúvida, uma forma de amplificar as reivindicações da população. Porém, ao não trazer a voz das autoridades, o programa de Ricardo Boechat não cumpre a função social do rádio de promover o diálogo entre o Estado e a sociedade civil, de mediar a ação política de diferentes atores sociais e, dessa forma, contribuir para a fiscalização de governos e instituições.

Por outro lado, as assessorias de comunicação de governos e instituições costumam fazer "escuta" e *clipping* do que é veiculado em todos os meios de comunicação de massa e, dessa forma, as autoridades ficam informadas. No entanto, se não forem questionadas, diretamente, ficam caladas ou se pronunciam, para prestar contas à população, apenas sobre os assuntos que lhes interessam.

E, assim, o denuncismo de catarse se esvai no etéreo. Esvazia-se quando o programa acaba. Mas Boechat aumenta sua popularidade e seus índices de audiência ocupando um espaço de "irmão", de "protetor". Não é por acaso que muitos apresentadores se tornaram políticos depois de um tempo ao microfone em emissoras de rádio e televisão.

O jornalista não ouve entidades representativas da sociedade civil e nem busca posições diferenciadas entre vários ouvintes sobre o assunto. Não traz a opinião de estudiosos,

especialistas, que poderiam contribuir para aprofundar o entendimento sobre a realidade social de exclusão apresentada pelo morador da Vila Cruzeiro.

O esquema é simples e pobre, em termos jornalísticos. O ouvinte liga, faz a denúncia, o apresentador dramatiza, amplifica o problema e acabou. Não há discussão. Não há polêmica. E um programa como esse, sem debate, pode ser educativo? É o que se procurou aferir nos três grupos de escuta e de debate dos estudantes da UFF.

A partir da materialidade textual da mensagem veiculada, no programa de rádio de Ricardo Boechat do dia 26/11/2010, procurou-se identificar quais foram alguns dos possíveis sentidos preferenciais dados na codificação, considerando a conjuntura, enquanto um momento particular e peculiar do contexto histórico, em que esta mensagem se localiza e pela qual é também formatada.

Uma conjuntura do sistema econômico capitalista globalizado que se caracteriza pelo trabalho flexível e temporário, que traz como correlato uma mão de obra flutuante de trabalhadores descartáveis, acarretando a exclusão social. Uma exclusão que hoje está na base dos casos de polarização social, de aprofundamento da desigualdade e da pobreza.

Esse societário que emerge da abertura das fronteiras, da internacionalização do capital investido mais na especulação financeira do que no setor produtivo gerador de emprego, da desregulamentação das atividades econômicas, do enfraquecimento do papel regulador do Estado, cria um processo de "globalização da produção de lixo humano". De acordo com Bauman (2005, p 47), são pessoas rejeitadas, não mais necessárias ao funcionamento do ciclo econômico, um "lixo humano" que tem sido "despejado" em todos os lugares. Haesbaert (2010, p.311) denomina esses sujeitos pobres, segregados e excluídos do processo globalizador como "aglomerados humanos de exclusão". Os jovens da Vila Cruzeiro que correm de uma comunidade a outra na adesão ao tráfico de drogas, poderiam, então, ser considerados exemplo disso.

Segundo Ana Maria, estudante de Pedagogia que vive no local, os jovens da Vila Cruzeiro são mais "estigmatizados" pelo mercado de trabalho do que os de outras comunidades, desde que o jornalista Tim Lopes foi assassinado lá. O episódio deixou as marcas da barbárie encravadas nesse território, depois da ampla divulgação que teve nos meios de comunicação.

Assim, os "rejeitados" pela ordem social excludente respondem com ações agressivas para tentar instalar nas fronteiras de seus "guetos" seus próprios avisos de "não ultrapasse", o que contribui para tornar o território urbano o campo de batalha de uma guerra espacial. E

apesar de confinados nesses guetos, disputam o poder territorial, desafiando o Estado e a lei. Como lembra Haesbaert (2002, p.98), todos os grupos sociais que habitam a metrópole acabam disciplinando seus espaços, criando suas barreiras de proteção a fim de manterem o domínio sobre seus privilégios e, fundamentalmente, seus territórios. Cada segmento se muraliza como pode e a metrópole vira o *locus* das disputas territoriais das distintas "tribos" que a compõem.

Mas é preciso lembrar que o narcotráfico estrutura seu poder de forma descontínua por meio de complexas interconexões entre territórios-zona, territórios-rede e aglomerados de exclusão (HAESBAERT, 2010). É um poder organizado em rede, que se interliga não só através de vários territórios segregados, como as diferentes comunidades cariocas, mas passa também por dentro das próprias prisões e pelo "asfalto" de condomínios de luxo brasileiros e internacionais, que se conectam via telefones celulares e internet.

No entanto, os que são considerados de forma generalizada pelo discurso social hegemônico como áreas produtoras de crime e criminosos são os guetos urbanos. Um discurso preconceituoso que criminaliza a pobreza. Situado nessa conjuntura, o programa radiofônico de Ricardo Boechat dá margem para várias interpretações, ao não destacar que os traficantes, apesar de numerosos, são minoria entre os habitantes dos morros cariocas.

Mas quem são eles? Quem somos nós?
Será que nós é que são eles ou eles que somos nós?
Mas quem são eles? Quem somos nós?
Quanto de nós existe neles e quanto deles existirá em nós?
O que importam pra você?
Quem se importa com você?

Música *Necessidades básicas*,
Banda *El Efecto.*

Ao qualificar como heroica a cidade do Rio de Janeiro, logo na abertura, Ricardo Boechat faz um discurso, implícito, favorável à invasão da Vila Cruzeiro que ocorreu no dia anterior. Na primeira hora do programa, ele exalta o Rio durante quatro minutos e lembra que São Sebastião, o santo guerreiro, dá nome à cidade. Fala em "heroísmo nobre de resistir, de vencer as adversidades, de enfrentar os adversários que o dia a dia vai pondo na nossa frente". O apresentador vai criando um clima e demora a entrar, de forma explícita, no assunto principal.

Depois de criar uma "imagem" do Rio como cidade heroica, apresenta uma visão maniqueísta entre o bem e o mal ao comparar "os nossos filhos" com os "jovens bandidos traficantes" do morro. A diferenciação que faz entre "nós" e "eles", como pessoas com

valores familiares distintos, traz uma separação entre dois mundos, abrindo possibilidade para uma interpretação dicotômica entre a cidade, heroica, de um lado, e a comunidade da Vila Cruzeiro, como vilã, de outro. Seu raciocínio individualiza a questão, a isola, como se o tráfico de drogas só existisse nas comunidades.

O locutor insinua que o jovem adere ao tráfico de drogas por culpa da família que não tem "condições sociais, econômicas, trabalhistas, morais e tal, de poder produzir exemplos". E se, por um lado, a desestruturação familiar pode contribuir para a falta de uma ancoragem sólida para a formação dos jovens, por outro, Boechat não evidencia que isso também ocorre em outras classes sociais, como destacou Catarina, aluna de Engenharia, no grupo de debate.

Boechat exagera, também, ao dar a entender que os jovens da Vila Cruzeiro não "têm o que comer" e não têm cama para dormir, "para serem acolhidos, acalentados". Demonstra preconceito ao supor e insinuar que os "nossos" valores são melhores que os dos moradores da Vila Cruzeiro e lamenta que a escola não assegure a eles os nossos valores. O jornalista transparece ter uma visão "bancária" da educação, quando alega que "a escola incuti valores", não considerando a educação como um processo dialético de construção permanente que possibilita aos sujeitos o desenvolvimento de valores a partir de suas interações. Mas quais são os valores que o jornalista Ricardo Boechat divulga em seu programa que atinge uma grande audiência, inclusive de jovens? O que ele qualifica como "os nossos" valores?

A generalização que faz e a forma ambígua e superficial com que trata o assunto deixa a possibilidade de leituras preconceituosas sobre o jovem excluído. E apesar de o apresentador não afirmar de que todo jovem pobre é, potencialmente, um bandido, um traficante de drogas, ao enfatizar, genericamente, que o jovem da Vila Cruzeiro se "vende por cem reais por não ter valores sociais", reforça o discurso dominante de estereótipo do jovem pobre. Esse é, possivelmente, um dos sentidos preferenciais da codificação que Boechat aparenta fazer, de forma implícita, nesse programa radiofônico.

Paradoxalmente, o discurso elitista de distinção que faz entre "nós" e "eles" muda quando um dos moradores da Vila Cruzeiro é entrevistado. Mesmo sem conhecê-lo, o chama de companheiro, diz que quer dar um abraço e que sente o "sufoco" pelo qual ele está passando. Um discurso que busca criar identificação com o entrevistado e aproximação com os ouvintes.

O morador chama Boechat de irmão, chora e descreve a violência da invasão da Vila Cruzeiro. A fala emocionada e o choro do morador possibilitam, provavelmente, que o ouvinte se coloque no lugar dele, se envolva e "sinta" a "vida de cão" pela qual ele está passando naquele momento, se solidarizando com seu discurso. E ao ser o próprio morador quem sensibiliza a audiência para essa solidariedade, ele abre a possibilidade para uma reflexão que inclua o ponto de vista de quem está de fato sofrendo com esse problema social.

Mais tranquilo, o morador apresenta um ponto de vista diferente do defendido por Boechat para a adesão do jovem ao tráfico de drogas, argumentando que o motivo é a falta de oportunidade de emprego e a discriminação que o jovem sofre no mercado de trabalho, por morar na comunidade. "O cara já olha para você como se você fosse um marginal", alega[4].

A fala do morador faz um contraponto à leitura preferencial codificada nesse trecho do programa, criando uma "imagem" diferente da que foi construída por Boechat. O lugar de fala do morador como trabalhador que quer ter o direito de ir e vir em seu território deixa implícito que nem todos que vivem na Vila Cruzeiro são bandidos. E a "imagem" dos jovens "sem valores", até então, predominante, é substituída pela dos jovens "sem oportunidades de empregos" por serem da Vila Cruzeiro.

Esse é outro sentido preferencial produzido na codificação da mensagem. A possibilidade de haver dois sentidos preferenciais ou mais, no programa de Boechat, demonstra como discursos contraditórios podem coexistir e dialogar no rádio.

O Modelo de Análise *Codificação/Decodificação*

Esse trabalho se inspira no modelo de análise proposto por Hall, em 1980, denominado *Codificação/Decodificação*. Neste modelo, a classificação das leituras dos receptores como dominantes, negociadas ou oposicionais, em função da possibilidade de diferentes apropriações da mensagem, é um dos destaques. Outra contribuição do autor é a utilização da categoria de leitura preferencial para a análise. Foi este modelo que deu início ao reconhecimento de que a audiência é constituída por indivíduos ativos, produtores de sentido. Um modelo que aborda a mensagem midiática como uma estrutura complexa de significados, em que a cadeia comunicativa não opera de forma unilinear, e que compreende o sentido como possuidor de várias camadas, sendo sempre multirreferencial.

[4] O morador fala discriminalização, palavra que não existe. Pelo sentido da frase quis dizer discriminação. Descriminalização tem um significado oposto ao contexto de sua fala

A decodificação da mensagem entre a audiência não é homogenea, mas Hall destaca o vínculo entre discurso e ideologia.

> Não quero um modelo de circuito que exclua a idéia de poder. Não quero um modelo determinista, mas não quero um modelo sem determinação. (...) Desejo apostar em uma noção de poder e de estruturação no momento de codificação que não apague todos os outros possíveis sentidos. O que quero dizer é que uma afirmação da BBC não é inteiramente aberta. Ela quer que você leia a mensagem de uma forma determinada. O elemento da leitura preferencial se situa no ponto onde o poder atravessa o discurso, está dentro e fora da mensagem. Isso é o que eu quero dizer com leitura preferencial. Trata-se de uma tentativa de hegemonizar a audiência que nunca é inteiramente eficaz porque a BBC não consegue conter todas as leituras possíveis do texto. O próprio texto que codifica escapa de suas mãos. Sempre se consegue lê-lo de uma outra forma. Logo, uma leitura preferencial nunca é completamente bem sucedida: é apenas o exercício do poder na tentativa de hegemonizar a leitura da audiência. (HALL, 2009, p.345)

Hall defende que os programas transmitidos nos meios de comunicação contêm sentidos preferenciais, relacionados com os significados dominantes dentro de uma sociedade e sugere que o trabalho crítico do pesquisador sobre a codificação e a decodificação seja uma prática desconstrutiva, ressaltando que cada momento de desconstrução é, também, um momento de reconstrução.

> A codificação produz a formação de alguns dos limites e parâmetros dentro dos quais as decodificações vão operar. Se não houvesse limites, as audiências poderiam simplesmente ler qualquer coisa que quisessem dentro das mensagens. Algum grau de reciprocidade deve existir entre os momentos de codificação e decodificação; do contrário não poderíamos falar de uma efetiva troca comunicativa. Apesar disso, essa "correspondência" não é dada, mas construída. E a codificação não pode determinar ou garantir, de forma simples, quais os códigos de decodificação que serão empregados. (...) Devemos pensar nas várias articulações em que a codificação/decodificação podem ser combinadas (HALL, 2009, p.378).

Além das várias articulações em que a codificação/decodificação podem ser combinadas, como destaca Hall, a análise deste programa radiofônico de Ricardo Boechat demonstra como sentidos preferenciais contraditórios também podem coexistir na própria codificação da mensagem. As contradições das mensagens divulgadas na mídia são o resultado de um campo de tensões triangular, em cujos vértices encontram-se as visões de mundo dos produtores culturais (entre eles os jornalistas, músicos etc.), a demanda do público e os interesses dos proprietários dos meios. São, por isso, em termos de características ideológicas, ambivalentes.

Em função dessa ambivalência, a mídia tanto pode participar do processo de mudanças sociais, quando reforça a luta pelos direitos de grupos ou classes sociais, por exemplo, ao

divulgar denúncias e reivindicações de setores excluídos, assim como da manutenção de padrões estabelecidos, podendo oscilar entre um lugar de reprodução e de transformação. E, enquanto instância da esfera pública (HABERMAS, 1984), o rádio pode partilhar problemas e soluções comuns, mas não como um lugar abstrato de consenso democrático ideal e sim como um meio conflituoso que exprime relações sociais de desigualdades e de dominação, como bem apontou Souza (2006).

Voltando ao programa da *BandNews* sobre a invasão da Vila Cruzeiro e ainda na estratégia de atingir a audiência, Boechat utiliza figuras de linguagem popular, como chamar de "patroa", a esposa do morador. É uma forma de dizer que, provavelmente, o jornalista não usa no seu dia-a-dia com sua mulher. Também apela para o senso comum quando deseja que "o filho honre o suor do pai" e que o dê muitas alegrias, "viu, meu irmão".

Como identifica Barthes (1971, p.67) os falares diferem de grupo para grupo, e cada homem é prisioneiro de sua linguagem, que, fora da sua classe, o expõe. O "grão da voz" (BARTHES, 1982) marca e situa o lugar de fala do locutor. Mas Boechat utiliza recursos comuns de programas populares radiofônicos que, depois de repetidos várias vezes, acabam naturalizados. É um dizer que, apesar de "forçado" como o classificaram alguns universitários, não causa estranhamento em muitos, mesmo naqueles que percebem que o apresentador e o morador falam de lugares distintos. E apesar da audiência não ter essa clareza, a espontaneidade ao microfone do rádio distingue-se por ser espontaneidade "planejada", como define Meditsch (2001, p.189). É uma produção discursiva que aparenta espontaneidade, naturalidade, mas que é pensada e organizada por uma equipe de profissionais.

Hall (2009, p.371) destaca que códigos naturalizados produzem o efeito ideológico de encobrir as práticas de codificação presentes, construídas dentro de uma dada cultura. Toda sociedade tende a impor suas classificações do mundo social, cultural e político. Os códigos naturalizados demonstram o grau de familiaridade que se produz quando há um alinhamento e uma reciprocidade entre os lados codificador e decodificador de uma troca de significados, quando o ouvinte opera dentro do código dominante.

Ressalto que as classificações do discurso do apresentador se constituem a partir de uma ordem cultural dominante, apesar de esta não ser unívoca, nem incontestável. Com apoio no modelo de *Codificação/Decodificação*, destaco como dominante um padrão de leituras preferenciais que trazem embutidas a ordem social enquanto conjunto de significados, práticas e crenças.

No entanto, como alerta Hall (2009, p.375), os mapas de leituras preferenciais são estruturados em dominância, mas não são fechados, não são lidos num processo de mão única, que governa a forma como todos os acontecimentos serão significados. E apesar da visão simplista e maniqueísta de Boechat, seu programa trouxe para a esfera pública uma questão que muitos devem ter se feito ao ver a imagem na televisão no dia da invasão da Vila Cruzeiro. Porque tantos jovens aderem ao tráfico de drogas? A pergunta é relevante e trazê-la para o início do programa cria uma possibilidade de estrutura de diálogo.

Curioso perceber, também, como tanto o ouvinte, quanto o próprio Boechat, ao serem afetados pelos vários meios de comunicação, misturam essas mensagens quando formam suas opiniões. No caso específico, o apresentador traz para o diálogo no rádio uma mensagem imagética que prevaleceu em sua mente a partir da influência de outra mídia, a televisão. Uma imagem que causou a sensação de estranheza pela descoberta do outro. Ou melhor, pela descoberta de tantos outros. Pela quantidade de outros.

A seguir, encontra-se a transcrição do trecho do material sonoro editado em 6 minutos e 50 segundos do programa do jornalista Ricardo Boechat. A transcrição foi feita de forma a manter a íntegra do que os jovens estudantes da UFF ouviram antes do debate de cada um dos três grupos dos diferentes cursos. As pausas, os erros gramaticais e os vícios da linguagem oral foram preservados para que o discurso possa ser observado na totalidade.

Vinheta de Abertura – música

Locutora - *BandNews Fluminense*, FM 94,9.

Ricardo Boechat – Bom dia, Rio de Janeiro. Bom dia, cidade heroica de São Sebastião do Rio de Janeiro.//// **Corte** ///// E a minha pergunta é: como é que o bandido, o traficante, consegue tanta mão de obra entre jovens e crianças? (pausa) Como é possível? E, aí, esse ouvinte escreveu, dizendo: oh, Boechat, é possível oferecendo cem reais por dia. E, aí, eu quero colocar para todos nós a seguinte reflexão: (pausa) se o filho da gente, em casa, pense aí em nossos filhos, o cara chega, na rua, e diz: aí, vem cá oh garoto, eu vou te dar cem reais por dia e você vai ser olheiro da boca. Vai ficar com um revolver na cintura. Depois que progredir um pouquinho, vou te dar um fuzil. Vai poder comprar uma moto e você vai entregar drogas pra boca. Se bandido tentar entrar aqui, você mata. Se a polícia tentar entrar aqui, você mata. Cem reais por dia. Imaginem nossos filhos diante dessa proposta. Eu tendo a acreditar que a quase totalidade deles, (pausa) poderá até se sentir insegura na resposta, mas dirá não (pausa) por que ao longo da vida deles, de alguma forma, a escola incutiu valores, a família incutiu valores, o exemplo em casa incutiu valores, o ambiente social fixou limites. Então, na verdade, os nossos filhos estão imunes. Não diria imunes, estou exagerando. Estão um pouco menos vulneráveis a esse tipo de abordagem, não é, Camila, por que eles carregam uma situação de vida que lhes permitiu desenvolver, conscientizar valores. (pausa) Para produzirem contingentes tão numerosos quanto esses que a gente vê na televisão (pausa), é uma criançada, é uma juventude a qual não foi dada a chance de

desenvolver esses valores. A qual não é dada a chance cotidiana de ter esses confortos, essas garantias. Elas têm comida em casa todo dia? A cama delas é uma cama na qual elas se sintam protegidas, acolhidas, acalentadas? O pai e a mãe estão em condições sociais, econômicas, trabalhistas, morais e tal, de poder produzir exemplos como toda mãe e todo pai gosta? O ambiente social dele lhe impõe limites, regras. A escooola dele, se é que ele tem escola, funciona para poder botar valores na sua cabeça? Incutir valores no seu coração? (Pausa). Vamos lá. Morador da Vila Cruzeiro tá na linha conosco. Pede para não ser identificado para dar um relato da situação que eles estão vivendo lá agora. Bom dia, meu companheiro.

Morador - Bom dia, Boechat. Bom dia, meu irmão, tudo bem?

Boechat - Tudo bem, meu companheiro, quero te dar um abraço. Faço ideia do sufoco que você tá passando, os moradores todos da Vila Cruzeiro. Você é morador da comunidade há muito tempo?

Morador – Moro aqui há trinta anos.

Boechat – Trinta anos, né. Antes de você me falar como está a situação agora, a tua família, portanto, é daí há muito tempo.

Morador – Minha esposa, meu filho...

Boechat – Como era antigamente, hein, companheiro?

Morador – É difícil, Boechat, é difícil, por que é duro, sabe, (som de choro) vida de dureza, vida de sofrimento, (som de choro) onde você não pode andar. Teu filho não pode brincar. Você não tem direito a nada, a falar, a andar. Eu espero que isso mude, sabe (som de choro), que meu filho possa ter uma vida melhor, uma vida boa. Que meu filho possa brincar nas ruas. Que meu filho possa ter emprego. (som de choro) Eu sou um pai e você, como pai, deve imaginar a dor que eu sinto em ter que sair para trabalhar de manhã e deixar minha família lá dentro com bandidos, com essa guerra, sabe Boechat. Eu, ontem, vim trabalhar e não conseguia trabalhar. Tive que voltar para casa e não consegui voltar para casa. Não conseguia falar com a minha família. Isso me deixava num desespero que só eu e Deus sabe, o desespero grande que eu passei, ontem, por causa da minha esposa, do meu filho. Mas graças a Deus, já ta bem melhor. Conseguimos ter uma noite mais tranquila, mais calma. Conseguimos dormir, sem água, sem luz, sem telefone, mas conseguimos dormir. Em paz, depois de cinco ou quatro dias sem dormir, se escondendo dentro do banheiro, debaixo da cama. Vida de cão. Vida de cão.

Boechat- Deixa eu te contar, companheiro, eu to aqui arrepiado, ouvindo. Faço idéia, viu meu irmão. Faço ideia. Não sei o que posso te dizer numa hora dessa, como pai, como cidadão, como trabalhador. Eu, realmente. Não dá. O que a gente diz para um homem desse, minha gente? (pausa) O que leva contemporâneos seus, meninos mais novos, gerações que vieram depois da sua, para essa loucura de vida, que é uma vida de quem não vai viver muito, né? O que leva?

Morador – Boechat, eu acredito no seguinte: para noventa por cento dos jovens, o que falta é realmente oportunidade. Você não tem dentro dessas comunidades uma situação que dê condição a esse jovem de aprender uma profissão, de ter um emprego, de conseguir um

dinheiro honesto. Lamentavelmente, o que que acontece? Qual a oportunidade que aparece na frente desse jovem? É o tráfico. É o cara que vai pagar a ele cinquenta, cem reais, cento e cinquenta, duzentos reais por dia. Por que quando ele sai cá embaixo, ele não consegue. Primeiro, por que ele já é discriminalizado. *(Ele quis dizer discriminado)* O cara chega pra ele: mora aonde? Moro na Penha, na Vila Cruzeiro. O cara já olha pra você como se você fosse um marginal. Então, você já volta pra casa naquele baque. E, aí, não aparece oportunidade. Então, qual é a sua oportunidade? Aquela que está na sua frente, que parece ser fácil, que é dificílima, que parece ser fácil, e onde você ganha, às vezes, muito mais do que ganharia no emprego.

Boechat – Quero te agradecer por essa aula de vida que você nos deu e torcer, sinceramente, para que você cada vez tenha menos motivos para se sentir preocupado, aflito. Cada vez menos razões para chorar, como você chorou no início da nossa conversa. Que teu filho honre o suor que você e sua patroa, sua mulher, e a luta que vocês travam para mantê-lo no bom caminho. Tenho certeza que ele vai te dar muitas alegrias e à sua mulher também, viu meu irmão.

Considerações finais

A "descontrução" do discurso do programa do jornalista Ricardo Boechat, veiculado na emissora *BandNews*, em 26 de novembro de 2010, sobre a invasão da Vila Cruzeiro, no Rio de Janeiro, permitiu perceber alguns sentidos preferenciais dados na codificação. O jornalista apresenta uma visão maniqueísta entre o bem e o mal ao comparar "os nossos filhos" com os "jovens bandidos traficantes" do morro. A diferenciação que faz entre "nós" e "eles", como pessoas com valores familiares distintos, traz uma separação entre dois mundos. Seu raciocínio individualiza a questão e a isola.

A generalização que faz e a forma ambígua e superficial com que trata o assunto deixa a possibilidade de leituras preconceituosas sobre o jovem excluído. E apesar de o apresentador não afirmar de que todo jovem pobre é, potencialmente, um bandido, um traficante de drogas, ao enfatizar, genericamente, que o jovem da Vila Cruzeiro se "vende por cem reais por não ter valores sociais", reforça o discurso dominante de estereótipo do jovem pobre. Esse é, possivelmente, um dos sentidos preferenciais da codificação que Boechat aparenta fazer, de forma implícita, nesse programa radiofônico.

Paradoxalmente, o discurso elitista de distinção que o jornalista faz entre "nós" e "eles" muda quando um dos moradores da Vila Cruzeiro é entrevistado. A fala emocionada do morador possibilita, provavelmente, que o ouvinte se coloque no lugar dele, se envolva e "sinta" a "vida de cão" pela qual ele está passando, se solidarizando com seu discurso. E ao ser o próprio morador quem sensibiliza a audiência para essa solidariedade, ele abre a possibilidade para uma reflexão que inclua o ponto de vista de quem está de fato sofrendo com esse problema social.

O morador apresenta um ponto de vista diferente do defendido por Boechat para a adesão do jovem ao tráfico de drogas, argumentando que o motivo é a falta de oportunidade de emprego e a discriminação que o jovem sofre no mercado de trabalho, por morar na comunidade. A fala do morador faz um contraponto à leitura preferencial codificada nesse trecho do programa, criando uma "imagem" diferente da que foi construída por Boechat. O lugar de fala do morador como trabalhador que quer ter o direito de ir e vir em seu território deixa implícito que nem todos que vivem na Vila Cruzeiro são bandidos. E a "imagem" dos jovens "sem valores", até então, predominante, é substituída pela dos jovens "sem oportunidades de empregos" por serem da Vila Cruzeiro.

Esse é outro sentido preferencial produzido na codificação da mensagem. A possibilidade de haver dois sentidos preferenciais ou mais, no programa de Boechat, demonstra como discursos contraditórios podem coexistir e dialogar no rádio. Destaca-se, ainda, que apesar da visão simplista e maniqueísta de Boechat, seu programa trouxe para a esfera pública uma questão que muitos devem ter se feito ao ver a imagem na televisão no dia da invasão da Vila Cruzeiro. Porque tantos jovens aderem ao tráfico de drogas?

Referências bibliográficas

BATHES, Roland. *O grão da voz*. Lisboa: Edições 70, 1982.

_____. Ensaios críticos. Lisboa: Edições 70, 1971.

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

_____. *Globalização: as consequências humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1999.

BAUMWORCEL, Ana. "*Polifonia juvenil: reflexões sobre mídia sonora e educação".* Tese defendida no curso de Doutorado em Educação, da Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro, 2012.

_____ "O consumo da mídia sonora entre universitários com desigualdades sociais". In: Anais do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Recife, 2011.

_____"Audiência "Nômade" e Ouvido "Seletivo": Marcas de uma "Tribo" Juvenil". In: Anais do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Fortaleza, 2012.

CANEVACCI, Massimo. *Antropologia da comunicação visual*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

_____. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

HABERMAS, Jurgen. *Mudança estrutural da esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro,1984.

HAESBAERT, Rogério. *O mito da desterritorialização: do "fim dos territórios" à multiterritorialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

_____. *Territórios alternativos.* Niterói: EdUFF; São Paulo: Contexto, 2002.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais.* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

_____. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MEDITSCH, Eduardo. *O rádio na era da informação*. Florianópolis: Insular, 2001.

SOUZA, Mauro Wilton de (org). *Sujeito, o lado oculto do receptor*. São Paulo: Editora Brasiliense, 2002.

_____. "Práticas de recepção midiática como práticas de pertencimento público". In: SOUZA, Mauro Wilton de. *Recepção mediática e espaço público: novos olhares*. São Paulo: Paulinas, 2006.

VIDAL NUNES, Márcia. *Rádio e política: do microfone ao palanque*. São Paulo: Annablume, 2000.